



Journal of Transpersonal Research®

Investigación Transpersonal

Volume 14, Issue 2, 2022

e-ISSN: 1989-6077

p-ISSN: 2307-6607

Edited by



Asociación Transpersonal Iberoamericana

Andrés Mellado, 65

28015 Madrid (Spain)

www.ati-transpersonal.org

Empirical Studies

A Morte

Celeste Carneiro

11

Theoretical Studies

Los Celos Masculinos en el Poliamor y la Novogamia

Aleix Mercadé

25

Educación Espiritual de los Niños

Josep M^a Fericgla

37

Educación y Pedagogía Transpersonal: Justificación de la Teoría Transpersonal para la Pedagogía

Gabrile Carmon Orantes y MoreliaValencia Medina

51

Reflections

Existentialism: Its Influence in Psychology and Psychotherapy

Stanley Krippner

63

¿Es Posible una Salud Mental Mecanicista?

José A. Aguirre Pérez

69

IX Jornadas de Psicología Transpersonal y Espiritualida

Román Gonzalvo

73

A Morte

Death

Celeste Carneiro¹

CINDEP

Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo

Quando lecionamos nos cursos de Psicologia Transpessoal nos referimos aos estados não usuais de consciência e à transitoriedade da vida. Vivenciar isso na prática incorporando em nosso íntimo esses conhecimentos é uma questão que dá segurança a quem nos ouve, pois transmite veracidade ao que foi ensinado. Diante da presença da morte na minha família durante esses últimos cinco anos, surgiu uma questão: como reagimos diante de um ser querido que morre? Como a visão espiritualista e espírita dá suporte numa fase como esta? Apoiada na literatura dos estudiosos sobre este tema desenvolvi este artigo na esperança de que possa dar um lenitivo aos que passam pela experiência da morte de seus familiares.

Palavras-chave: estados não usuais de consciencia, morte, meditação, visão espiritualista e espírita

Abstract

When we teach Transpersonal Psychology courses, we refer to unusual states of consciousness and the transience of life. Experiencing this in practice, incorporating this knowledge into our hearts, is an issue that gives security to those who listen to us, as it conveys veracity to what was taught. Faced with the presence of death in my family during these last five years, a question has arisen: how do we react to a loved one who dies? How does the spiritualist and spiritist vision support a phase like this? Based on the literature of scholars on this topic, I developed this article in the hope that it can give relief to those who go through the experience of the death of their relatives.

Keywords: unusual states of consciousness, death, meditation, spiritualist and spiritist vision

Recebido: 13 de junho, 2022

Aceito: 5 setembro, 2022

Introdução

O estudo sobre a morte tem sido tratado desde há muito tempo. Os povos mais primitivos tinham o cuidado de enterrar os seus mortos colocando junto aos despojos alimentos e objetos de uso pessoal; os antigos egípcios mumificavam o ente querido ou importante para a comunidade, e em suas tumbas foram encontradas joias e objetos de valor.

Com o passar dos séculos a reverência aos mortos e ao que ocorre no momento da morte, nos dias que a antecedem e após o morrer vem intrigando aos pesquisadores.

Alguns consideram que a morte é um fim. Outros creem que há vida após a morte. Experiências de Quase Morte (EQM) são relatadas pelo Dr. Raymond A. Moody Jr. (1979) em sua pesquisa sobre o fenômeno da sobrevivência à morte física, assim como os estudos de Kenneth Ring (1999, p.187). Roger J. Woolger (2011) passou pela experiência de se ver numa vida passada e se dedicou ao estudo de como auxiliar os seus clientes que traziam marcas de sofrimentos deixadas por vivências anteriores a esta vida. Muitas dessas marcas eram deixadas pelo tipo de morte que eles enfrentaram.

Em 1857 foi publicado na França o trabalho de pesquisa realizado pelo Prof. Hippolyte Leon Denizard Rivail, um discípulo do extraordinário reformador social suíço Pestalozzi, sobre as comunicações dadas pelos mortos.

Convidado a participar de uma reunião em que a mesa girava e fazia crer que era movida por algo desconhecido, a contragosto ele atendeu ao convite. Os participantes dessa reunião espalhavam letras do alfabeto sobre a mesa, que, ao se mexer formava palavras. Perguntava-se alguma coisa e a resposta vinha ao verem se juntar as letras, misteriosamente. No início não passavam de perguntas fúteis. Percebendo que havia algo de anormal naquelas comunicações, o Professor Rivail começou a fazer indagações de cunho mais profundo e as respostas começaram a lhe surpreender pelo nível de conhecimento e pela sabedoria dos que respondiam, que se afirmaram ser espíritos. Fora tirada qualquer possibilidade de fraude, ou de interferência dos presentes. Depois ele enviou perguntas para outros grupos que se reuniam pela França e as respostas chegaram com muita coerência e semelhança entre as respostas dadas às mesmas perguntas. Depois de reunir inúmeras questões, selecionou mil e dezenove indagações e suas respectivas respostas sobre os temas que mais têm nos interessado ao longo dos séculos, e publicou *O Livro dos*

Espíritos (Kardec, 2003) dando o nome de Espiritismo ao estudo das nossas relações com os espíritos, com a morte, com a sobrevivência, com a reencarnação, com a vida em outros mundos e as consequências morais desses ensinamentos. Assinou com o pseudônimo de Allan Kardec, nome dado a ele numa reencarnação entre os druidas.

Roger J. Woolger, em seu livro *As várias vidas da alma – um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas* (2011), comenta que a reencarnação tratada por Kardec foi bem aceita na França por viverem no período pós-Revolução, onde as ideias de justiça social encontraram esclarecimentos sobre a desigualdade social e “proporcionava uma justiça suprema, tanto para os ricos como para os pobres, através do seu sistema revolucionário de provações e equilíbrio kármicos.” (p. 47).

Em alguns cursos de Psicologia Transpessoal é abordada a Tanatologia – do grego “Thanatus”, o Deus da morte, e “logia”, estudo, diz respeito ao estudo científico da morte e do adoecer que leva à morte.

Quem primeiro sistematizou o estudo da Tanatologia no Brasil, foi a psicóloga Wilma Torres. Ela promoveu o I Seminário sobre Psicologia e a Morte, em 1980, no Rio de Janeiro, na Fundação Getúlio Vargas, o que gerou o livro com o mesmo nome (Kovács, 2004).

Pierre Weil (2001), um dos criadores da UNIPAZ – Universidade Internacional da Paz, também promoveu cursos sobre o tema e eu participei desses seminários ministrados por ele e por Gislaïne D’Assunção, no curso da Formação Holística de Base. Nessa oportunidade, o nosso desenlace era ensaiado, muito bem conduzido pela Dra. Gislaïne D’Assunção. Era um tema que causava sempre grande impacto nos alunos.

Temos tanto medo da morte porque ela ainda é a grande desconhecida. Pouco sabemos sobre a vida após a morte. Nossas células clamam por vida e nós também queremos viver muito e intensamente, realizar muitos projetos, aproveitar o convívio com os nossos entes queridos, ver os filhos crescerem, se realizarem, acompanhar o desenvolvimento dos nossos netos...

Uma das pioneiras sobre a Tanatologia foi a pesquisadora Elizabeth Kübler-Ross (1969), que percebeu as fases por que passam as pessoas quando são diagnosticadas com uma doença que possivelmente levará à morte. Inicialmente vem o choque, em seguida, a negação; quando se tem a certeza de que o diagnóstico é nosso mesmo e é verdadeiro, vem a raiva ou revolta, seguida de barganha ou negociação. Quando se vê que a doença avança,

sentimos depressão e, em seguida, a aceitação, com a entrega ao fenômeno natural que é a morte, ou passagem para outro plano diferente do físico e visível.

Atualmente, temos os estudos da doutora Ana Cláudia Arantes sobre os Cuidados Paliativos com os pacientes que se encontram desenganados.

Sogyal Rinpoche, em *O Livro Tibetano do Viver e do Morrer* (1999), aprofunda sobre as fases dos bardos (palavra tibetana que significa “transição”, a transição entre a morte e a próxima vida): 1º) o bardo natural desta vida, 2º) o doloroso bardo da morte, 3º) o luminoso bardo do *dharmata* (a realidade absoluta) e 4º) o bardo cármico do vir-a-ser. (Rinpoche, 1999, p. 30). De acordo com este autor, “na abordagem budista, a vida e a morte são vistas como um todo, onde a morte é o começo de um novo capítulo da vida. A morte é um espelho no qual o inteiro significado da vida é refletido.” (p. 29).

Dr. Raymond A. Moody Jr. durante as entrevistas com quem teve proximidade com a morte e com a vida após a vida, constatou o quanto é constrangedor para essas pessoas compartilharem suas experiências. “Aham, diz ele, que suas experiências são tão indescritíveis, tão distantes da linguagem humana e dos modos humanos de percepção e existência, que é infrutífero mesmo tentar.” (p. 90)

Considerando o ceticismo e a falta de compreensão que encontram as tentativas de discutir a experiência de quase morte, não é de surpreender que quase todos os que se encontram nessa situação cheguem a pensar que são casos únicos, que ninguém jamais passou pelo que experimentaram. Um homem, por exemplo, me disse: "Estive em um lugar onde antes de mim ninguém esteve".

Aconteceu, muitas vezes, depois de entrevistar alguém pormenorizadamente sobre sua própria experiência e em seguida contar-lhe que outros relataram exatamente os mesmos eventos e percepções, esse alguém expressar os mais profundos sentimentos de alívio (Moody, 1979, p.89).

Estive próxima da morte umas três vezes e convivo com a espiritualidade desde a adolescência, o que me dá segurança para falar sobre o assunto. No entanto, nunca havia passado pela experiência de acompanhar a morte de um familiar querido mais próximo a mim. E é sobre isso que eu quero falar aqui.

Objetivo

Compartilhar a experiência com o fenômeno da morte analisando a prática das teorias transpessoais.

Observar o processo de desprendimento de quem parte e de quem fica.

Mostrar que é mais comum do que se pensa as experiências anômalas, o que estimula a que outros fiquem à vontade para narrar o que vivencia.

Método

Utilizamos a metodologia da meditação perceptiva, onde prestamos atenção aos nossos sentimentos, pensamentos e atitudes no desenrolar do dia e, à noite, antes de adormecer, é feita uma avaliação sintética. Nesse tipo de meditação ficamos atentos ao que estamos pensando e as suas consequências, que faz gerar emoções ou sentimentos, mas sem julgamentos, e vamos fazendo um fio condutor até a essência. Por exemplo: o que estou sentindo, qual o pensamento ou memória que gerou este sentimento, por quê? Ou responder as perguntas: **O que** estou sentindo (ou pensando)? **Onde** isso me afeta (no corpo ou no ambiente)? **Quando** acontece isso? **Para quê?** Qual a intenção? **Por quê?** Nesse processo passamos a nos conhecer melhor e a nos tornarmos mais compreensíveis.

São muitos os tipos de meditação. Vários pesquisadores se debruçaram para estudá-la, assim como a sua influência em nossa vida.

Daniel Goleman (2005), comenta sobre o efeito da meditação na saúde:

Ao retornar a Harvard, vindo da Índia, descobri que o psicólogo Gary Schwartz havia começado a pesquisar a meditação. Ele percebera que aqueles que meditavam regularmente apresentavam um nível diário de ansiedade muito menor do que os que não meditavam. Tinham muito menos problemas psicológicos ou psicossomáticos, como resfriados, dores de cabeça e insônia.

A minha experiência pessoal e essas descobertas científicas sugeriam que as pessoas que meditam eram capazes de resistir aos golpes da vida e lidar muito bem com o estresse diário, sofrendo menores consequências diante deles. Com Schwartz como orientador da minha tese, planejei um estudo para descobrir de que modo a prática da me-

ditação ajuda uma pessoa a enfrentar o estresse (p. 18).

O médico brasileiro, Dr. Roberto Cardoso (2016), praticante da meditação há décadas, estudioso e pesquisador do seu efeito no bem-estar das pessoas, fez uma síntese onde apresenta cinco tipos de meditação: 1º) meditações ativas catárticas – com o foco no físico, no emocional, ou no mental. 2º) meditações ativas de movimento – devocionais, programadas (movimentos repetitivos e sequenciais) e espontâneas. 3º) meditações passivas concentrativas – devocionais, sons: âncora num som emitido, fixação: âncora num ponto fixo, visualização: âncora num foco imaginário, “naturais” – foco na respiração, por exemplo. 4º) meditações passivas perceptivas – pós-catarse, pós-concentração, devocionais, harmonização e testemunhal. 5º) técnicas mistas – combinação variada das técnicas anteriores.

Jack Kornfield (1999) refere sobre a meditação perceptiva:

Existe um tipo de iluminação no processo de meditação perceptiva que se parece muito com o fazer terapia por si próprio, simplesmente ouvindo e prestando atenção a si mesmo. Essa percepção e a aceitação que acompanha a conscientização não julgadora de nossos padrões promovem a compreensão e o equilíbrio mental, podendo portanto diminuir nosso sofrimento e identificação neurótica (p. 69)

E Roger Walsh (1999) esclarece sobre o efeito dessa busca pelo transcendente:

Embora as práticas e técnicas variem muito, existem aparentemente seis elementos comuns que constituem o cerne da arte da transcendência: a formação ética; o desenvolvimento da concentração; a transformação emocional; o redirecionamento da motivação das necessidades egocêntricas e baseadas no temor para objetivos mais elevados, como a autotranscendência; o refinamento da atenção; e o cultivo da sabedoria. (p.59)

E complementa:

Os praticantes de meditação observam um aumento na sensibilidade da percepção tanto interior quanto exterior: as cores parecem mais vivas e o mundo interior toma-se mais acessível por meio de um processo conheci-

do por "sensibilização introspectiva". A validade dessas experiências subjetivas ganhou recentemente o respaldo de pesquisas que indicam que o processamento da percepção daqueles que praticam a meditação toma-se mais rápido e preciso e sua empatia mais fiel à realidade (p. 61)

Desse modo, observando e processando o desenrolar do inusitado para mim e para os meus familiares, aproveitei a riqueza dessa experiência para compartilhar o que vivenciei.

Resultado

Relato de experiência

*Nem tudo o que acaba, termina,
Nem tudo o que morre, separa.
Fechar, nem sempre é sair
E sair não é ir-se embora.
Por isto,
Renova o teu ciclo,
Renasce em ti mesmo
E sai, deixando rastros...
Rastros perfumados,
Rastros coloridos
De modo que o teu viver
Seja por muitos seguido.*

Renovação – Celeste Carneiro
<https://artezem.org/poemas/renovacao/>

A morte, um tema que assusta a muita gente, fez-se presente em nossas vidas nesses últimos dois anos de pandemia.

Amigos, parentes, familiares próximos, personalidades que admiramos e seguimos, partiram para outras paragens, desconhecidas e misteriosas, mas para onde todos nós iremos um dia.

Nem todos partiram vitimados pela Covid 19. O motivo é de menos importância. Partiu e pronto!

É muito raro sabermos quando o nosso ciclo está no final. Nem todos se preparam para a finitude do corpo físico. Às vezes é de repente, sem concluirmos os nossos projetos, sem corrigirmos alguns desentendimentos, sem colocarmos o ponto final na história da nossa vida...

São vários os estudos publicados sobre este tema. Mas, neste artigo me deterei mais sobre minha experiência pessoal com a morte de familiares próximos.

Desde criança falávamos dela com naturalidade. Nossa mãe costumava falar sobre a morte como o destino de todos nós e que deveríamos viver de tal forma que, chegando o nosso momento, ou o de alguém próximo, estivéssemos tranquilos.

A morte de meu irmão

No ano de 2017, um dos meus irmãos, Gildenor, o segundo da lista de sete filhos, começou a sentir agravado o problema com sua circulação sanguínea, precisando fazer cirurgia para eliminar um trombo na perna. Havia tido dengue e chikungunya, e provavelmente o problema circulatório seria consequência dessas enfermidades.

Ele morava no interior da Bahia, em Serrinha-BA, numa casa perto da dos nossos pais, sendo o único dos seis irmãos que lá residia.

Quando vinha para Salvador – BA, eu lhe dava toda a atenção necessária.

Pressentindo o final do seu ciclo entre nós, começou a fazer arrumações em casa, jogando fora papéis, materiais desnecessários, fazendo doações de objetos, dando orientações, especialmente para mim, com relação aos seus estudos e artigos a serem publicados. Pretendia tirar dois anos de licença sabática para concluir sua pesquisa sobre educação de crianças na fase da primeira infância... Ele tinha pós-doutorado em Educação, com alguns artigos publicados na Revista Transdisciplinar.

Quando ele fez aniversário, em janeiro de 2018, um dos meus irmãos lhe parabenizou. Ele fazia 69 anos. Disse, sorrindo, que não queria fazer 70 anos. *Quando chegar lá*, ele disse, *vou fazer uma festa e comemorar 69 anos mais uma vez*. Não chegou lá.

No grupo espiritualista “Vale do Amanhecer” que ele participava, o mentor lhe disse: *Você sabe, não é, meu irmão, que está perto de você voltar pra cá?* Ele me contou isso com tranquilidade e eu, apreensiva fiquei aguardando o desenrolar dos dias.

Como a cirurgia não obteve o resultado esperado, precisou fazer outra, no começo de março do ano de 2018. Na véspera do seu desenlace, ele me pediu para colocar as notas dos alunos da Faculdade de Educação no site da instituição. Mas ele já havia colocado. E no dia 4 do referido mês ele faleceu, motivado por uma grande hemorragia. O médico havia dito que no dia 5 ele iria para o quarto e, em seguida, receberia alta...

Vi-o passar na maca, voltando do setor de hemodinâmica, muito pálido, com os olhos entreabertos, expressão de beatitude. Creio que, naquela

hora, ele já tinha partido. Horas depois nos confirmaram. O coração sente e ora pedindo tranquilidade para ele e para quem iria ficar.

Foi uma surpresa para todos, inclusive para nós da família, pois foi o primeiro a ir-se e tinha apenas 69 anos... Nossa família é longeva, a maioria morreu depois dos 85 anos. A dor foi muito grande.

Todos os meus irmãos e familiares dele vieram para o sepultamento. Houve uma comoção geral entre os amigos, alunos e colegas da Faculdade.

Meus pais se sentiram desamparados e minha mãe ficou arrasada...

Dias depois, durante a meditação, vi Gildenor a me falar. Ele me pediu que quando eu viajasse a Serrinha, eu fosse na casa dele e pegasse um pacote que estava escondido no meio de algumas roupas, no seu quarto, e desse à criança que morava no andar de cima da casa dele, por quem nutria um amor extremo, como se fosse seu avô. Eram muito apegados.

Quando fui lá, deixei a intuição ser meu guia. O pacote estava no seu guarda-roupa, emboiado junto com umas roupas, num canto, bem ao fundo da prateleira. Era um pacote de moedas que ele havia juntado para oferecer ao menino. Fiquei emocionada.

Subi os degraus e chamei a criança. Disse-lhe: *Sonhei com Gildenor e ele me pediu para lhe entregar esse pacote que estava escondido no guarda-roupa dele*. Seus olhos brilharam de surpresa e alegria. Entrou, falou e mostrou à mãe, e depois veio e me disse: *Quando você voltar a sonhar com ele, diga que eu mandei dizer: Muito obrigado!* Respondi: *Ele já está lhe ouvindo...*

Seu rosto era só alegria. Como não chorar diante de um amor desse?

Passei a ir com mais frequência para Serrinha, para dar assistência aos meus pais.

Minha mãe – o seu retorno

Minha mãe perdeu o gosto pela vida, pela alimentação e foi morrendo aos poucos. Faleceu aos 95 anos, ainda lúcida, três meses após meu irmão.

Acompanhei-a mais de perto nos seus últimos meses de vida. Ajudei-a a se libertar de mágoas antigas, por meio da arteterapia; abracei-a o quanto pude e fiz-lhe os gostos.

Doou muitas coisas suas para as pessoas que trabalhavam com ela e para as que julgava serem necessitadas.

As dores, decorrentes da osteoporose, faziam-na gemer dia e noite. Sabia que estava próximo o seu fim. Dizia: *Minha vida está por um fio...* Respondi: *Vou sentir muito...* Ao que ela me respondeu: *Eu sei...*

O coração estava batendo fraquinho, um dia quase enfartou ao lado de minha irmã médica e precisou se internar em Feira de Santana - BA, onde minha irmã morava.

Fiquei com ela no Hospital até o fim. A internação durou uma semana mais ou menos. Nesses dias, mesmo com dores, com uma voz fraquinha, ela cantava (sempre cantou muito com uma bela voz). Lembrava da sua vida, dos seus sofrimentos, e também das alegrias. Relacionava os seus afetos, familiares queridos, amigos que gostavam de ir em sua casa, quando jovem, para vê-la cantar.

Dois dias antes de falecer, numa sexta-feira à noitinha, vi chegar um amigo espiritual acompanhado de outras pessoas e ele me disse: *Vimos preparar sua mãe para o retorno.*

No domingo à tarde recebemos as visitas de meu irmão que mora em Salvador, juntamente com sua esposa, minha irmã e uma das funcionárias da nossa casa em Serrinha. Eles trouxeram papai para vê-la. Foi comovedor ver papai orando pela sua recuperação... Eles se amavam tanto! Viveram felizes no casamento por 73 anos.

Fiquei em oração, o tempo todo, colocando músicas suaves e ouvindo mamãe... Ela queria que eu ficasse todo o tempo segurando sua mão. Como não havia cadeira para o acompanhante ficar perto do leito, eu ficava em pé e de vez em quando me recostava no sofá ao lado, com dores na coluna. No domingo fiquei em pé até 1h da madrugada, quando fui me recostar um pouco no sofá e entrei num sono profundo.

Acordei às 5h assustada por dormir tanto! E não havia mais o som do seu gemido, o que me levou a crer que ela já havia partido.

Fui ao banheiro e ao voltar toquei no seu corpo. Estava gelado. Uma sensação horrível me tomou. Ela não estava mais no corpo. Que coisa mais impressionante é a morte! Quando o espírito vai embora o corpo fica igual a uma pedra de gelo!

Era época de festa de São João. Faleceu dia 25 de junho de 2018.

Avisei à minha irmã, que veio rapidamente, e o Hospital tomou as providências finais. Minha pressão subiu, mas eu me mantive sob controle, tomando as decisões necessárias.

A família e os amigos distantes se reuniram mais uma vez para a despedida... Um dos meus irmãos de São Paulo, além de vir enviou flores e vieram muitas outras, já que ela adorava

flores e cultivava-as no seu jardim. Mamãe era muito querida por todos.

Papai chorou muito... Eu lhe fiz companhia e dei suporte por alguns dias. Depois fiquei indo a Serrinha com mais frequência e acompanhava-o de Salvador, via on-line.

Intrigada do porquê dormi tanto na última noite que passei com mamãe, perguntei a Divaldo Franco (fundador da Mansão do Caminho, onde residi, médium espírita, palestrante, escritor e clarividente que sabe de muitas coisas). Ele me disse que eu dormi para poder ajudar, fora do corpo, em desdobramento, ao desenlace de mamãe. Relatei que queria tanto ficar segurando a sua mão na hora da sua partida, e ele me esclareceu que, nesse caso, se eu ficasse estaria transmitindo magnetismo para ela e dificultando o desenlace. Essas explicações me confortaram.

Senti muito a sua falta. Falava com ela por telefone ou vídeo chamada quase todos os dias. Sabia que agora ela estava aliviada de suas dores sentidas por anos, decorrentes da osteoporose.

Passados os primeiros dias e meses, sempre que eu ia chorar pela ausência de mamãe, ela me aparecia muito feliz e me dizia: *Ô, Cé! Não fique triste não. Eu estou tão feliz! Não sinto mais dores, vivo alegre a cantar como sempre gostei e estou com os meus familiares queridos. Pra que felicidade maior?* E eu sentia a alegria dela a me alegrar.

Lembro de uns versos que escrevi há muitos anos:

Saudade!...

*Presença de alguém, por certo,
Que julgamos estar tão longe,
Quando se encontra tão perto!*

Meses depois recebi pela psicografia uma mensagem dela. Passados uns dias, um amigo de infância me contou que, numa reunião de assistência espiritual em que ele participa, a viu consolando uma senhora mãe, que se encontrava aflita por seu filho. Mostrei a mensagem a ele e, quando fui a Serrinha, mostrei a papai. Ficou muito emocionado e feliz porque mamãe dizia que ele iria viver mais tempo.

Nos aniversários da família ela sempre era a primeira a telefonar para desejar tudo de maravilhoso para a nossa vida. No aniversário de uma das netas ela me apareceu feliz da vida, e me disse: *Veja que bom: agora eu vou pessoalmente dar o abraço dos aniversariantes! Vim agora da casa de Shai! Estou tão feliz!...*

Papai e sua difícil partida

Nós não sabemos de nada. Pensávamos que papai, por ter mais enfermidades que mamãe, iria antes dela. Ele resistiu mais quatro anos.

Em 2020 começou a diminuir suas resistências e em 2021 as enfermidades se agravaram. A isquemia cerebral foi paralisando o seu corpo, começou a ter dificuldade para falar, para andar, para movimentar os braços e, assim, ficou totalmente dependente de cuidadoras que o tratavam com muito carinho e cuidado.

Em fevereiro de 2021 fui passar uma semana com ele, porque não estava bem, mas o encontrei tão mal, o tratamento fazia pouco efeito, que acabei ficando até o momento em que ele partiu, em final de janeiro de 2022. Era como se eu tivesse morrido, pois deixei todas as minhas coisas e interesses em Salvador para ficar com papai. Permaneci mais uns dias para resolver questões burocráticas e retornei para Salvador no início de fevereiro...

No início, quando eles moravam sozinhos e não tinham tanta saúde, tínhamos uma funcionária de dia e outra à noite. Com o passar dos anos, ficaram duas de dia e duas à noite. A partir do final de 2020 precisamos contratar mais cuidadoras que se revezavam, já que elas não dispunham de tempo para ficarem mais horários com eles. Com as Técnicas de Enfermagem chegamos a ter 10 cuidadoras circulando em nossa casa durante a semana! Foram dias que me exigiram muito...

Quando ele ainda falava, um dia me perguntou: *O que acontece quando a gente morre?* Eu respondi que a pessoa se encontra com os seus familiares, amigos, afetos que o aguardavam para festejar o retorno. Isso, com as pessoas que faziam o bem e tinham uma vida íntegra, como era a dele.

Ele era muito apegado à casa onde morava e não queria sair de lá pra nada! Nem para visitar os filhos. Foi ele quem a idealizou, juntamente com mamãe, construiu e conservou. Uma casa grande com um quintal enorme, cheio de árvores frutíferas, onde ele sempre criou animais. E um lindo jardim na frente. Muito ventilada e agradável, voltada para o sol nascente.

Toda tardinha ele se sentava no *hall* com mamãe para apreciar a rua, conversar com os amigos...

Nos últimos anos, ao entrar em casa ele ficava olhando, admirando a casa e dizendo: *Fui eu que fiz!*

Percebendo o seu apego à casa, um dia eu lhe disse: *Sabe, papai, quando o senhor imaginou*

esta casa o senhor a criou também no mundo espiritual, porque primeiro a gente cria mentalmente e fica gravada a imagem no Cosmo. Depois o senhor foi materializando a sua criação, gerando esta linda casa! Quando o senhor falecer, vai encontrar no mundo espiritual, esta mesma casa, mais bonita ainda, onde o senhor vai morar com seus familiares que lhe antecederam.

Ele ficou me olhando... E nunca mais falou sobre a casa que ele fez. Foi se desapegando.

As pessoas costumam dizer que não querem viver tanto para não dar trabalho aos outros, para não ficar dependente de ninguém. No entanto, via o progresso espiritual de papai, dia após dia. O jeito de se comunicar foi se tornando mais amoroso, o desapego das suas coisas materiais e da sua casa, a importância da vida espiritual foi sendo notada, desde anos antes da morte de meu irmão. Ele o levava para o Vale do Amanhecer, juntamente com mamãe, e papai ficava encantado com as comunicações espirituais. No Centro Espírita que eu e meus irmãos frequentávamos ele não demonstrava interesse algum. Nem quando havia apresentações musicais dos nossos irmãos e familiares, nem quando eu ia fazer palestra.

Nos últimos meses ele ficava olhando para o espaço, como a ver alguém querido que não víamos, e eu só pressentia.

Sentíamos a presença dos seus familiares já falecidos. Todos os seus irmãos já haviam retornado à Pátria espiritual e ele era muito querido.

Tive o cuidado de colocar na parede em frente de onde ele ficava, as fotos da família, dos irmãos dele e do seu pai, assim como fotos dele trabalhando, desde jovem até mais recente. Um agradecimento do Ministro da Saúde por seus serviços como funcionário da SUCAN, erradicando o barbeiro, um inseto que provoca a doença de Chagas.

Quando ele ficou internado, já próximo ao seu desenlace, estávamos eu, minha irmã e uma Técnica de Enfermagem que levamos, no setor de observação do Hospital. Chamamos uma Técnica de Enfermagem do Hospital para virar ele, pois nós não tínhamos forças suficientes e sentíamos dores na coluna. A enfermeira responsável pelo setor negou veementemente, e alegou que estávamos com muita gente ali, muitos familiares, que não havia necessidade de ocuparmos a funcionária do Hospital... Depois de muita conversa ela consentiu.

Quando estávamos só eu, minha irmã e a enfermeira, eu perguntei: *Quem foi tanta gente assim que você viu? Na verdade, de vivos só tinha eu, minha irmã e a Técnica que trouxemos para ajudar papai.* Ela disse que viu um monte de gente. Eu lhe disse: *Realmente, aqui tem um monte de*

familiares dele: um filho, que já morreu; a esposa, que é falecida; seus irmãos, todos falecidos... Ela arregalou os olhos e disse: *Ave Maria, estou toda arrepiada!* Perguntei: *E agora, você continua vendo esse povo todo?* Ela respondeu: *Sim, está todo mundo aí!* Eu lhe aconselhei a trabalhar a sua vidência e a estudar sobre a mediunidade.

Papai voltou do Hospital para casa e retornou algumas vezes, sempre por pouco tempo, dois dias no máximo. Como o Hospital estava com muitos pacientes com Covid, evitei acompanhá-lo nas últimas internações. Eu mesma debilitada, corria o risco de me contaminar. Sempre que ele ia com a ambulância da Emergência, meu coração se apertava, como se fosse a última vez que eu lhe via vivo.

Sua vida foi-se extinguindo muito lentamente. Os profissionais da *HomeCare* tratavam-no como se não houvesse nada mais a fazer, que era só cuidados paliativos, o que eles entendiam, erradamente, por não fazer mais nada até que ele viesse a falecer. Eu ficava indignada e dizia que, enquanto houvesse vida, era para fazer tudo o que fosse possível para minorar seus incômodos e sofrimentos. E se ele chegasse aos cem anos? Só Deus sabe a hora que nós vamos partir. E papai, apesar de sua idade avançada (97 anos), já havia passado por várias experiências de ser desenganoado pelos médicos e de vê-los morrerem antes dele. Foi um ano lutando contra esse pensamento daqueles profissionais da área da saúde.

Quando éramos crianças ele teve tuberculose. Foi se tratar em São Paulo. O médico o aconselhou a voltar para a Bahia para morrer perto de sua família, pois não tinha mais o que fazer com ele.

Voltou e ficou isolado num quarto. Mamãe não aceitou esta sentença.

Informaram-lhe que havia uma senhora espírita na cidade que operava muitas curas. Apesar de católica fervorosa, ela entrou em contato com esta senhora e a convidou a visitar o meu pai para ver o que poderia ser feito.

No quarto onde papai estava havia um nicho com imagens de santos e de N.S. do Perpétuo Socorro, de quem era devota e sempre fazia novena para pedir o que necessitasse. E sempre alcançava as graças.

Acendeu uma vela e começamos a orar: mamãe, a senhora que se chamava D. Edelzuíta e os filhos que se mantiveram à porta do quarto, para não se contaminarem. A vela em dado momento se apagou, sem ninguém soprar. Voltou a acender sozinha. Apagou de novo. E voltou a acender, deixando-nos espantados. Havia algo de estranho ali.

A senhora disse à mamãe que havia uma entidade junto a papai influenciando o seu organismo. Ele havia morrido tuberculoso, se aproximou de papai e gostou de ficar perto dele. Mamãe deveria levá-lo ao Centro Espírita para que a entidade fosse orientada por meio de um médium de incorporação.

Ir a um Centro Espírita para um católico, nos idos de 1950-1960 era impensável! Mas mamãe, se encheu de coragem e foi.

Ao voltar, muito impressionada, ela nos contou que a entidade recebida pelo médium fazia tudo o que papai fazia, com muito sofrimento.

Nas próximas reuniões papai passou a ir e viu a entidade tossindo e se contorcendo, aflito. Papai nos disse que muitas coisas que ele fazia, evitava fazer, para não nos impressionar.

Ele foi melhorando e ficou curado. Voltou ao médico em São Paulo e o médico o recebeu como se estivesse vendo um fantasma. Ele contou ao médico o que aconteceu. Examinou-o e constatou que ele não tinha mais enfermidade alguma.

Anos depois, soube que o médico havia falecido.

Em 2005 vimos papai quase à morte, por problema cardíaco. Fez cirurgia e se recuperou. Em seguida, foi o intestino. O médico que o operou quase caiu de susto ao ver papai, meses depois, entrar no Hospital todo forte e bonito... E ele estava quase morto...

Então, para nós que o acompanhamos de perto, sabíamos que ele era muito resistente e tinha medo de morrer.

Numa noite, no final do ano que antecedeu a sua morte, eu estava junto ao leito hospitalar que instalaram no seu quarto. Quando fiz menção de sair para ir dormir no meu quarto, ele começou a chorar. Voltei e lhe mostrei as cuidadoras que o acompanhavam e disse que eu estava na casa, que ia descansar. Mas quando me retirei ele passou a chorar alto, como uma criança com muito medo. Eu voltei e fiquei sentada ao seu lado até o amanhecer. Ele gemia ao respirar e eu entoava um som, no ritmo de sua respiração, no espaço entre uma respiração e outra, como se fosse um mantra, para ele se sentir acompanhado. Sempre que estava ao seu lado eu agia assim, o que lhe tranquilizava muito.

Papai pressentia o momento de sua partida de volta para o Mundo Espiritual. Sentia a presença dos seus familiares e amigos que o antecederam, mas, apesar de serem muito queridos, ele temia o que para ele era desconhecido.

Finalmente, ele foi para o Hospital e não voltou mais. Foi numa tardezinha do dia 22 de janeiro de 2022, um sábado. Resolvi, nesse dia,

fazer as orações das 18h no *hall*, admirando as flores do jardim, o céu calmo, a rua tranquila, ouvindo o canto dos pássaros. Senti como se fosse papai, agradecendo a Deus por ter vivido naquela casa tão bonita e agradável, com rosas no jardim e outras flores bonitas, com uma família tão harmoniosa e querida... Pedi a Deus por papai e por todos os enfermos, do corpo e da mente. Quando íamos ler o Evangelho, um amigo da família chegou. Convidamos para participar e dei-lhe o livro para ele abrir, ao acaso, a mensagem. Ficou emocionado, com lágrimas nos olhos, pois falava exatamente do que estava se passando em sua vida. Conversamos um pouco, o tranquilizamos e ele se foi. Permaneci um pouco com minha irmã, sentindo as amorosas vibrações que nos envolviam.

A cuidadora mandou uma mensagem com um vídeo mostrando ele bem fraquinho e nesse instante ela desligou o celular porque ele estava falecendo. Fomos para o Hospital providenciar os papéis e levar a roupa para o sepultamento.

Seu rosto muito sereno, como nos últimos meses. Oramos perto do corpo, sentindo o alívio pelo fim de tanto sofrimento dele e nosso, que o acompanhávamos.

Eu e minha irmã contraímos Covid e não pudemos ir ao seu sepultamento. Ela já havia chegado na quarta-feira com o vírus, que eu, muito enfraquecida, contraí.

Meus outros irmãos não puderam estar presentes. Só um, que mora em Salvador. O filho de minha irmã fez questão de acompanhá-lo ao Cemitério.

Ele foi sepultado junto à esposa e ao filho, numa cerimônia sem velório, com algumas cuidadoras, uns dois amigos mais próximos e os dois familiares. Simples como foi a sua vida.

Viveu os quatro últimos anos de sua existência se depurando, se despojando de tudo aquilo que representaria peso, que dificultasse a alçar o voo em direção à liberdade espiritual.

Fiquei muito satisfeita pela oportunidade que tive de acompanhá-lo, assim como ao ajudar o seu processo de purificação num ambiente seguro, cercado de cuidados, de carinho e de muito amor. Os filhos que se encontravam distantes fisicamente, nesses dois últimos anos de pandemia, se presentificavam ao colaborar nas despesas e se comunicando com ele por videochamadas.

Desse modo, foi rápido o seu despertar no Mundo Espiritual.

Três dias após o seu desenlace, quando eu estava me preparando para dormir, já havia orado, quando percebi a chegada de um ser de luz no quarto onde eu dormia, que me disse: *Vim te buscar para ajudares no despertar do teu pai.*

Uma intensa alegria se apoderou de mim. Vi-me entrar num Hospital onde ele se encontrava deitado numa cama, cercado por seus irmãos, alguns amigos, no seu lado esquerdo, segurando a mão de papai estava o meu irmão Gildenor e junto a ele, mamãe. Segurei a mão de papai e me curvei um pouco para ele. Estava ressonando como alguém que está para despertar. Repeti umas três vezes o som de mantra que acompanhava sua respiração e lhe disse suavemente: *Estou aqui...* Ele abriu os olhos, me olhou e ao olhar para o outro lado viu Gildenor, meu irmão falecido. Ele lhe disse: *Venha, papai, para a nova vida que lhe espera.*

Ficou emocionado, meio sem acreditar, me olhou de novo e eu lhe falei: *Não disse que quando o senhor retornasse ao Mundo Espiritual iria se encontrar com todo o mundo que o senhor ama? Olhe aí: estão seus irmãos, seus amigos, Gildenor e mamãe! Todo mundo querendo lhe abraçar e festejar o seu retorno!*

Mamãe o abraçou, ele ainda deitado, com Gildenor ao seu lado, e papai chorou longamente, o pranto de alegria pelo reencontro, o pranto do vencedor após uma longa batalha que o manteve distante dos seus familiares...

Depois Gildenor lhe disse segurando sua mão e amparando-o para descer da cama: *Venha, papai, venha ver onde o senhor vai morar, onde é a sua casa.* Outro irmão dele o amparou do outro lado e seguiram com ele, andando ainda trôpego, mas com uma cara de felicidade tão grande, um sorriso largo no rosto, como se desejasse ir correndo para o seu novo lar de felicidade!

Vi-o afastar-se somente com o roupão do Hospital e fiquei, depois, a pensar: guardamos tantas coisas e, no entanto, deixaremos tudo aqui na Terra...

Eu permaneci no mesmo lugar, do outro lado da cama. A mentora espiritual que me trouxe disse: *Agora vou te acompanhar até em casa e tu segues tua vida material, cuida da tua vida no campo físico e seja feliz!* Pedi que me protegessem.

Estive consciente o tempo todo. Não sei quanto tempo durou esta viagem, devo ter cochilado um pouco depois que voltei, lá pela madrugada, e, ao acordar pela manhã fui invadida por uma alegria tão grande, uma felicidade tão intensa, uma esperança tão bonita, que procuro me lembrar sempre, especialmente quando sinto alguma dificuldade na vida.

Contei à minha irmã e a um dos meus irmãos. Depois narrei a experiência a Divaldo Franco. Ele me respondeu: *Nossa irmã Joanna de Ângelis (a sua mentora) confirmou tudo que você contou.*

Foi ela quem foi lhe buscar. Disse que levou também o seu irmão Gildenor para estar presente no despertar do seu pai. Essa experiência foi um presente para você!

Fiquei muito feliz com tudo isso.

Conclusão

Mais feliz ainda fiquei por compreender o trabalho intenso que se travou dentro de mim, para superar o meu complexo paterno negativo, ou seja, as marcas emocionais negativas que foram se construindo desde a infância, devido à falta de afinidade que eu tinha com o meu pai. Ele pensava muito diferente de mim. Embora o respeitasse, não sentia no meu íntimo aquele afeto que acompanha as almas afins.

Às vezes olhava-o com as suas limitações físicas, e me perguntava: *Por que justamente eu estou cuidando de papai no final de sua vida?* E me olhava internamente, reconhecia as minhas dificuldades de relacionamento com ele e as repercussões disso na minha vida de relações, e orava, pedindo aos amigos espirituais que nos acompanhavam naqueles momentos, para que eu conseguisse dar conta da tarefa que me foi incumbida. Se eu estava ali, alguma razão justa e boa deveria haver.

Quando mamãe se foi, de vez em quando ele pedia perdão a mim, à minha irmã, às cuidadoras... Um dia ele me disse: *Eu te amo!* O que me deixou muito admirada, pois ele não costumava falar dos seus sentimentos para ninguém.

Com o passar dos meses, na sua etapa final, fui me enchendo de compaixão por ele. Era tão bem disposto, trabalhador, consertava tudo em casa, controlava as finanças, muito senhor de si, e agora estava jogado numa cama, magérrimo, pele e osso, totalmente dependente para tudo. No final, as cuidadoras adivinhavam o que ele estava precisando, porque não falava, atendiam às suas necessidades básicas.

Independentemente de ser meu pai, era um ser humano. Ainda que fosse uma pessoa desprezível, o que não era o caso, era um filho de Deus, meu irmão, portanto. E eu estava tendo a feliz oportunidade de conduzi-lo ao portal da vida espiritual, com os esclarecimentos necessários para que não sofresse tanto quando lá chegasse.

Essa compaixão me deu força e alento para conduzir o processo até o fim.

Senti-me vitoriosa nessa batalha interior. Era como se eu tivesse passado um ano no casulo, operando a modificação da minha estrutura íntima para me liberar, como acontece com as borboletas, fazendo surgir as lindas asas capazes de me fazer

voar com mais leveza e com mais beleza, rumo ao infinito de Deus, disponível para o seu serviço, onde Ele me colocar.

Talvez, por isso, Joanna de Ângelis me presenteou deixando-me ficar consciente no trabalho de despertar de papai no Mundo Espiritual. Sou muito grata a ela e a todos que me fortaleceram, me confortaram, enxugaram minhas lágrimas silenciosas, facilitaram o trabalho com o pessoal da área de saúde, estiveram presentes em nossas meditações e orações diárias, junto com as cuidadoras e com alguns amigos que às vezes apareciam e se beneficiavam com as lições do Evangelho.

Pierre Weill conta que certo dia, Budha perguntou aos seus discípulos: “Qual é o contrário da morte?” Todos eles responderam: “É a vida!” Ele retrucou: “Não, não é a vida; é o nascimento, pois a vida é eterna”. Isso, diz Weill, “não é um dogma religioso, mas o resultado de milênios de experiência humana, e também de experiências e observações clínicas experimentais bem recentes.” (2001, p. 173).

Que essas experiências reverberem positivamente nas pessoas que delas necessitem saber no momento presente.

Referências

- Cardoso, R. (2016). *Medicina e meditação: um médico ensina a meditar*. São Paulo: MG Editores.
- Goleman, D. (2005). *A arte da meditação*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Kardec, A. (2003). *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- Kornfield, J. (1999). Os sete fatores da iluminação. Em R. Walsh & F. Vaughan (orgs.), *Caminhos além do ego – Uma visão transpessoal* (pp. 67-69). São Paulo: Cultrix.
- Kovács, M. (2004). *Notícia: Wilma da Costa Torres (1934-2004): pioneira da tanatologia no Brasil*. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/wNWLtxpdXtrwPGh9y6c9KGy/?lang=pt>. Acesso em 21/07/2021.
- Kubler-Ross E. (1969). *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes.

- Moody, R. (1979). *Vida depois da vida*. Rio de Janeiro: Nordica.
- Ring, K. (1999). A experiência de quase-morte. Em R. Walsh & F. Vaughan (orgs.), *Caminhos além do ego – Uma visão transpessoal*. (pp. 187-192). São Paulo: Cultrix.
- Rinpoche, S. (1999). *O livro tibetano do viver e do morrer*. São Paulo: Talento: Palas Athena.
- Walsh, R. (1999). Meditação: A via régia para o transpessoal. Em R. Walsh & F. Vaughan (orgs.), *Caminhos além do ego – Uma visão transpessoal*. (pp. 58-78). São Paulo: Cultrix.
- Weil, P. (2001). *A arte de viver a vida*. Brasília: Letrativa.
- Woolger, R. (2011). *As várias vidas da alma – um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas*. São Paulo: Cultrix.

¹ **Celeste Carneiro**. Arteterapeuta Junguiana (AS-BART 0036/0906) e especialista em Psicologia Transpessoal (ALUBRAT 201740). Editora da Revista Transdisciplinar, escritora, membro do Colégio Internacional de Terapeutas e da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana.
www.artezen.org.
<http://revistatransdisciplinar.com.br>
Email: cel5zen@gmail.com